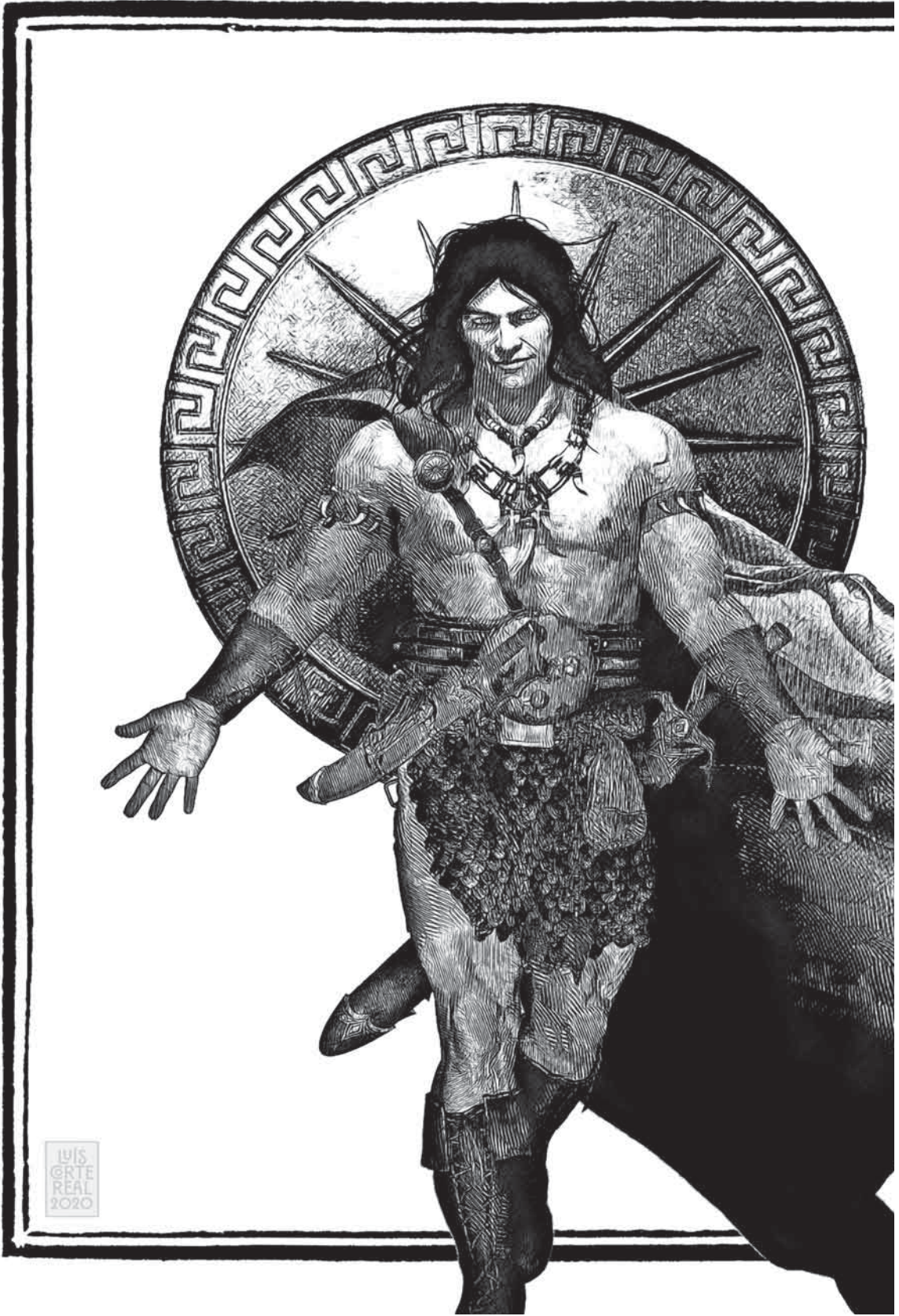




ATENÇÃO:

A leitura destes contos pode criar uma
vontade irresistível de empunhar um machado
e correr pela rua a gritar CROM!



IVS
ORTE
REAL
2020

OS CONTOS MAIS ÉPICOS DE CONAN

ROBERT E. HOWARD



LUÍS CORTE REAL
ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

BRUNO CAETANO
CURADORIA DE ILUSTRAÇÕES

WIS
GRTE
REAL
2020



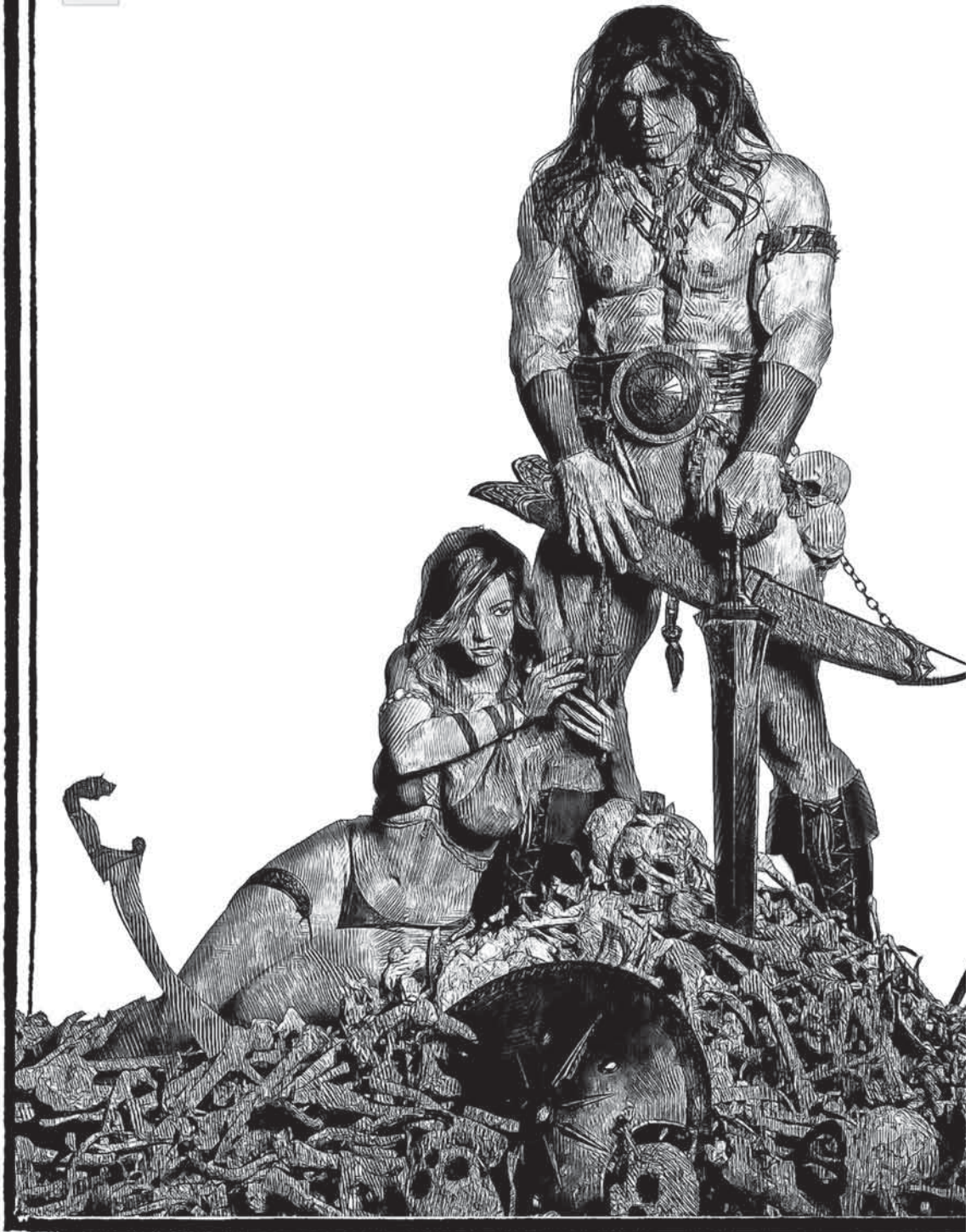
ÍNDICE



11 EDITORIAL <i>POR LUÍS CORTE REAL</i>	A FILHA DO GIGANTE DE GELO 233
17 INTRODUÇÃO <i>POR ANTÓNIO MONTEIRO</i>	SOMBRAS AO LUAR 245
27 A FÊNIX NA ESPADA	A RAINHA DA COSTA NEGRA 283
55 A CIDADELA ESCARLATE	O DEMÓNIO DE FERRO 319
101 A TORRE DO ELEFANTE	O POVO DO CÍRCULO NEGRO 355
129 O COLOSSO NEGRO	PREGOS VERMELHOS 437
171 A LAGOA DO NEGRO	SOMBRAS EM ZAMBOULA 519
205 PATIFES NA CASA	



LUIS
ORTEGA
REAL
2020



EDITO RIAL



RAISTLIN,
ARAGORN
E CONAN
ENTRAM
NUM BAR

LUÍS CORTE REAL





Se Raistlin, Aragorn e Conan entrassem num bar, dificilmente daria uma anedota para contar aos amigos, mas poderia resultar numa cena de pancadaria épica. De qualquer forma, se o humor negro do feiticeiro não provocasse o cimério, se este não estivesse embriagado, e se Aragorn os contagiasse com a sua fleuma habitual, poderia resultar num encontro agradável: três heróis a contar aventuras passadas em mundos distintos (Krynn, Terra Média e Era Hiboriana), mas partilhando um género literário: a boa e velha fantasia.

Haveria algo mais que partilhariam: a minha eterna gratidão. Foi na companhia deles que atravessei os portões da fantasia pela primeira vez — essa caminhada mais tarde levou-me a descobrir muitos mundos, alguns deles muito famosos hoje em dia, como os de George R. R. Martin e Andrzej Sapkowski, e outros mais desconhecidos, como os de Fritz Leiber, Michael Moorcock ou Steven Erikson. Tem sido uma viagem cheia de surpresas: o último destes mundos de fantasia épica onde deambulei fascinado, sem vontade de sair, foi o da *A Companhia Negra* de Glen Cook.

Mas este editorial é sobre Conan, por isso, regressemos ao bar onde Raistlin, Aragorn e o cimério olham desconfiados uns para os outros. O jovem feiticeiro de Krynn descobriu numa edição de bolso da Europa-América, que tinham na capa

um nome intrigante: *Dragonlance*. A escrita dinâmica de Weis e Hickman arrebatou-me e convenci tantos amigos a lerem os meus exemplares que as lombadas se desfizeram. Depois saltei para R. A. Salvatore e para o mundo de *Forgotten Realms*, que já conhecia das minhas sessões de *Dungeons & Dragons* (uma curiosidade: o primeiríssimo livro que li em inglês foi *The Crystal Shard*). Só então me aventurei com J. R. R. Tolkien; como as edições portuguesas eram caras, comprei um *omnibus* com os três volumes de *O Senhor dos Anéis*, em inglês. Não foi uma boa ideia, era bem mais complicado do que ler Drizzt Do'Urden na língua original, e não percebi metade – tive de regressar à Terra Média, uns anos mais tarde, dessa vez em português.

E Conan, quando foi que o descobri? Como a maioria dos fãs, deveu-se às bandas desenhadas da Marvel e não aos contos de Robert E. Howard. No meio do Homem-Aranha e dos X-Men, um dia lá descobri o cimério a cores e, mais tarde, fui atrás das edições a preto e branco, muitíssimo superiores, que saíam em *A Espada Selvagem de Conan*. Ainda hoje, quando folheio os exemplares ilustrados por John Buscema e arte final de Alfredo Alcalá (uma espécie de Gustave Doré dos *comics*), fico deslumbrado e recordo o impacto que aqueles livros tiveram em mim: a força bruta do traço, pleno de beleza e rasgo. Continuo a ler muita banda desenhada, mas aquelas terão sempre um lugar especial no meu coração *nerd*.

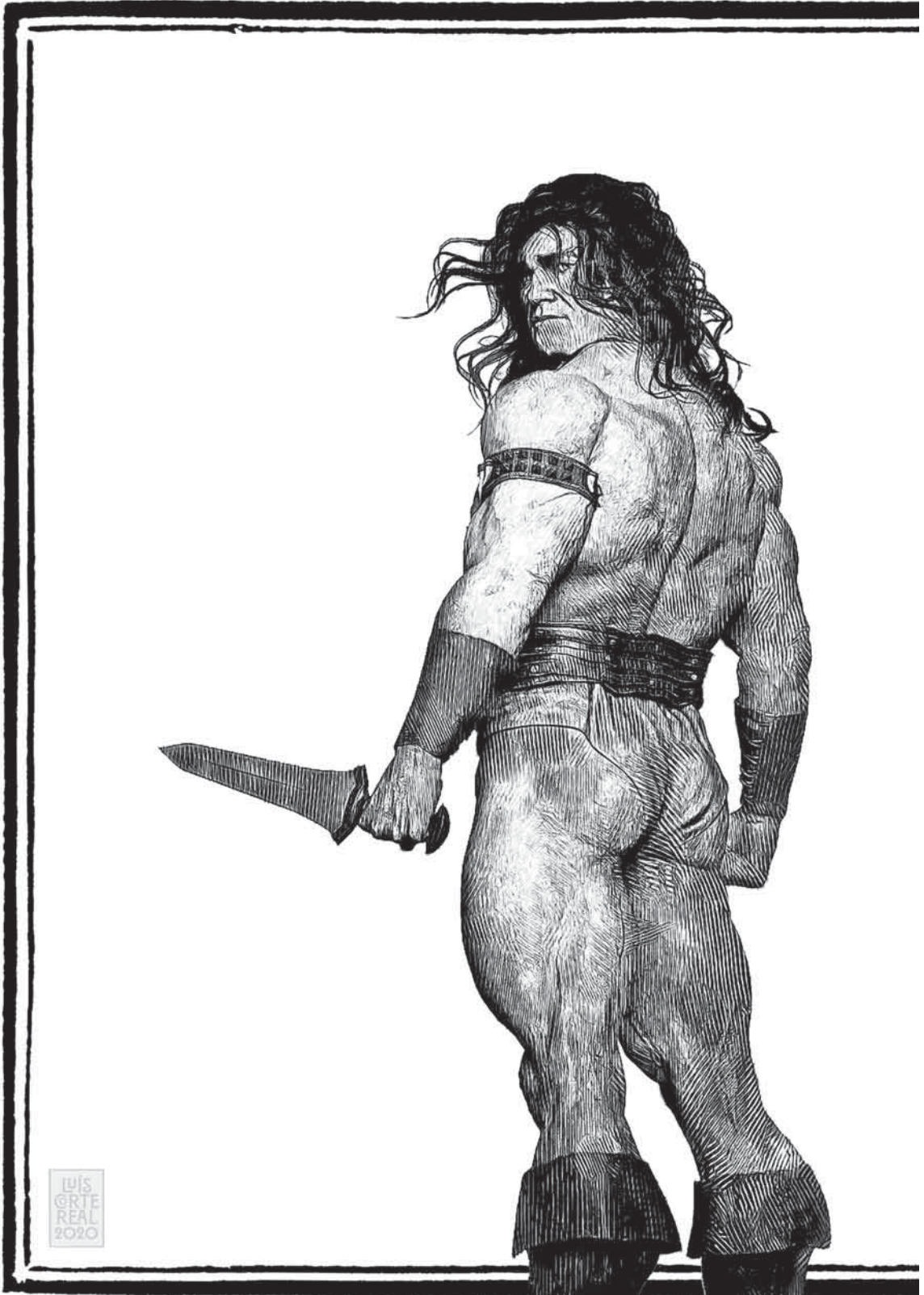
Só alguns anos depois conheci a prosa de Robert E. Howard. Num alfarrabista lisboeta encontrei uma edição em inglês da Lancer, com capa do inimitável Frank Frazetta. E foi aí que, pela primeira vez, li Conan tal como tinha sido escrito; bastaram algumas páginas para me apaixonar pelo estilo explosivo, as histórias vívidas, os enredos coloridos e as personagens maiores do que a vida. A qualidade dos contos de Howard era tão superior à restante *pulp* que, mesmo depois da sua morte, nunca deixou de ser publicado, influenciando cada vez mais autores de fantasia até se tornar, oficialmente, pai do género *sword & sorcery*. Desde então Conan não só sobreviveu como cresceu e foi reinterpretado, chegando a Hollywood, à televisão, aos videojogos, aos *roleplaying games*, às *action figures* e a todo o *merchandising* habitual da cultura pop. E nunca se esqueçam: se J. R. R. Tolkien foi o criador da figura do *Dark Lord* que, mais tarde, virou um padrão na fantasia, Howard fez exatamente o mesmo



com a figura do bárbaro. Quantos autores de fantasia se podem gabar de terem criado clichés?

Temo que este editorial se tenha tornado um passeio pelas minhas memórias, mas não é precisamente aí que reconhecemos a força das personagens literárias? Descobrimo-las, crescemos com elas, moldam-nos os gostos, formamos memórias em conjunto e, por vezes, quando essas personagens são mesmo especiais, muitos anos depois, quando as relemos, ainda está lá tudo aquilo que nos havia apaixonado. Para mim, Conan é uma dessas personagens. Se também é para ti, tenho a certeza de que vais gostar de o reencontrar nesta antologia, feita com muita dedicação e verdadeiro carinho. Mas se esta é a primeira vez que vais ler os contos de Robert E. Howard, então, por Crom, invejo-te!





LUIS
ORTEGA
REAL
2020



**CONAN,
O BÁRBARO,
E A GÊNESE
DE UM
GÊNERO**

ANTÓNIO MONTEIRO



ROBERT HOWARD, UMA BREVE VIDA DE ESCRITA

Robert Ervin Howard (1906-1936) nasceu e cresceu no estado norte-americano do Texas, num ambiente que rapidamente o pôs em contacto com o mundo da violência e da criminalidade, em particular devido aos problemas sociais que rodeavam a exploração de petróleo na região; ao seu redor, espalhavam-se as nefastas teias do crime, da droga, da bebida e do jogo. Esse meio, em que a componente física era muitas vezes acentuada, se não mesmo predominante, motivou no jovem Robert o gosto pelos desportos de combate, como o boxe, e certamente terá contribuído para a criação de algumas das suas mais famosas personagens literárias. No entanto, vários aspectos espirituais e místicos estiveram também presentes desde cedo na vida do jovem Robert, sendo de notar que o seu pai, o Dr. Isaac M. Howard, se interessara sempre por tais temas, praticando ioga e hipnotismo e dispondo de significativa bibliografia sobre o misticismo hindu.

Um precoce gosto pela leitura e pela escrita levou-o a imaginar e a escrever histórias de aventuras, em que descrevia lutas e batalhas envolvendo povos diversos como os Vikings ou os Árabes, antes mesmo da tenra idade de dez anos. Em 1922, Robert E. Howard publicou as suas primeiras histórias no jornal do liceu de Brownwood, cidade onde a família se havia estabelecido, para, dois anos mais tarde, vender a sua primeira história à famosa revista *Weird Tales*, dedicada ao fantástico em geral, de que se viria a tornar num dos mais importantes autores.

O autor não escreve segundo as normas do novo Acordo Ortográfico.

A sua obra literária — que abrangeu igualmente a poesia — foi comentada nos termos mais elogiosos, entre muitos outros, por Howard P. Lovecraft e por Stephen King.

Em 1926, escreveu a que viria a ser uma das suas mais importantes histórias, *The Shadow Kingdom*, que seria publicada na *Weird Tales* três anos mais tarde. Nela, utilizou novos conceitos, juntando elementos de fantasia e terror com outros oriundos do romance de aventuras, da mitologia e do romance histórico e criando assim o género que viria a ser universalmente conhecido por *sword and sorcery*.

O protagonista de *The Shadow Kingdom* era o bárbaro Kull, antecessor de outras criações mais famosas, como o guerreiro bárbaro Conan. A publicação desse conto representou um momento de viragem na vida de Robert Howard, que abandonou os empregos que até aí tivera e os cursos técnicos que frequentara, para se converter num escritor a tempo inteiro.

Entretanto, em 1928, nascera outra das suas mais conhecidas personagens, o espadachim puritano Solomon Kane. Fazendo a sua primeira aparição em *Red Shadows*, conto publicado nesse ano na *Weird Tales*, a personagem teve assinalável êxito, acabando por figurar em sete histórias publicadas na revista entre 1928 e 1932. Deve observar-se que se algumas das aventuras de Solomon Kane se passam na Europa (nomeadamente em Inglaterra), várias outras são situadas em África, moldada pela imaginação do autor e povoada pelo sobrenatural e pela magia.

Em 1929 surge também outra das suas criações, desta vez em histórias passadas no mundo do boxe, o marinheiro Steve Costigan, e a partir de 1930, para além de diversas histórias de ambiente celta, Robert Howard publicou várias histórias, consideradas entre as suas melhores, em que deu largas ao seu gosto pela História antiga.

Em meados de 1930, Robert E. Howard encetou uma vasta correspondência com Howard P. Lovecraft, que haveria de se prolongar pelos últimos seis anos da sua curta vida, acabando por integrar o chamado «Círculo Lovecraft». O já veterano escritor de Providence pô-lo, por sua vez, em contacto com outros escritores como Clark Ashton Smith, August Derleth, etc. Da correspondência com o célebre escritor de Providence destaca-se a atitude filosófica de cada um quanto à oposição entre a barbárie e a civilização: defendia aquele que a civilização era o destino e finalidade última da humanidade, enquanto Howard pensava, pelo contrário, que a barbárie é própria da condição humana e que prevalecerá sempre. A influência dessa troca de correspondência em muitos dos escritos de Robert E. Howard é clara, tendo ele mesmo escrito algumas histórias directamente inspiradas nos universos ficcionais de Lovecraft.



Robert Howard escreveu ainda alguns contos que parecem ter sido claramente influenciados pela obra de Arthur Machen, popularizada na década de 1920, entre eles *The Little People* (1928), *The Children of the Night* (1931), *Worms of the Earth* (1932) e *People of the Dark* (1932).

Durante a década de 1930, Robert Howard experimentou também o gênero policial e ainda o *western*, a que se dedicou com entusiasmo e êxito, publicando diversas histórias em revistas como *Action Stories* (que haveria de publicar em cada mês uma nova história com a personagem Breckenridge Elkins, desde 1933 até à morte do autor), *Argosy* a *Cowboy Stories*. No início de 1936, o autor vendeu ainda diversas histórias levemente eróticas à revista *Spicy-Adventure Stories*.

Embora ele mesmo confessadamente se considerasse um escritor comercial, a qualidade literária e artística das suas obras é evidente. Lovecraft afirmou a seu respeito que «ele era superior a qualquer postura de procura de lucro que adoptasse».

Em 1932, durante uma viagem pelo Sul do Texas, Robert Howard inspirou-se na paisagem ao seu redor para imaginar a região fictícia da Ciméria, que alguns comentadores consideram reflectir a ideia que o autor teria das Ilhas Britânicas, não tendo, por conseguinte, nada a ver com o povo cimério, que viveu a norte do Cáucaso no segundo milénio antes de Cristo. Nessa remota Ciméria, de clara inspiração celta, Howard viria a situar aquele que haveria de ser o seu mais célebre filho espiritual, o bárbaro Conan, cujas aventuras decorrem na mítica Era Hiboriana, entre lutas, monstros e feitiçaria.

A primeira aparição de Conan — não contando com uma história que se pode considerar, até certo ponto, sua precursora — registou-se no número de Dezembro de 1932 da revista *Weird Tales*. Tratou-se de *The Phoenix on the Sword*. Até 1936, nada menos de 17 histórias com as aventuras de Conan apareceram nas páginas da revista.

Sofrendo de episódios depressivos, aparentemente causados por problemas familiares e financeiros — agravados, evidentemente, pela Grande Depressão americana, que teve o seu início em 1929 e se arrastou ao longo da década de 1930, só terminando, efectivamente, com o advento da Segunda Guerra Mundial, perturbando sobremaneira o mundo da edição e impedindo a sobrevivência de diversas revistas com as quais o autor colaborava —, Robert Ervin Howard pôs termo à vida no dia 11 de Junho de 1936, com apenas trinta anos de idade. Ao todo, escreveu mais de trezentas histórias e quinhentos poemas.

Entre as influências que sofreu ao longo da sua vida literária contam-se

as narrativas que ouviu de veteranos da Guerra Civil americana, as histórias da colonização do sudoeste americano e também as histórias de assombrações contadas por antigos escravos, de onde resultou a utilização, nos seus contos, de seres sobrenaturais como lobisomens, vampiros e uma vasta gama de feiticeiros.

NASCIMENTO DE UM GÊNERO

A pesar da sua vasta e variada produção literária, não há dúvida de que Robert E. Howard é hoje fundamentalmente conhecido como o criador de Conan, *o Bárbaro*, cuja influência na cultura contemporânea tem sido comparada à de ícones da estatura de Tarzan, Drácula, Sherlock Holmes ou James Bond. A personagem foi adaptada a diversos meios, para além da literatura, incluindo a banda desenhada, o cinema, a televisão, os jogos de vídeo, etc.

Conforme acima se referiu, a partir de 1926 Howard desenvolveu um género novo, dentro do universo mais vasto da «fantasia», que pode englobar desde as histórias de fadas, os textos surrealistas e os contos de terror até à mais tecnológica ficção científica. A designação *sword and sorcery* (espada e feitiçaria, em português) parece dever-se ao célebre autor norte-americano Fritz Leiber, numa troca de correspondência com o britânico Michael Moorcock — ele próprio autor de importantes obras no género, nomeadamente aquelas em que intervém uma das suas principais criações, Elric de Melniboné, que apareceu pela primeira vez em 1961 e continuou ao longo de diversos livros, até ao início da década de 1970.

Difícil de definir com precisão, como a maioria dos géneros literários, a *sword and sorcery* caracteriza-se, em traços largos, pela presença de heróis armados de espadas, enfrentando diversos perigos num mundo antigo, habitualmente mítico, onde imperam diversos elementos de magia e do sobrenatural; normalmente, há também elementos de romance envolvidos nos enredos. Trata-se, geralmente, de histórias cheias de acção, onde a força e a coragem das principais personagens acaba por triunfar.

Lin Carter, na sua introdução ao livro *Literary Swordsmen and Sorcerers* (com o subtítulo *The Makers of Heroic Fantasy*), da autoria de L. Sprague de Camp e publicado em 1976, pela famosa editora norte-americana Arkham House,



recorda que o género tem raízes na mais antiga mitologia europeia, incluindo, por exemplo, as narrativas dos trabalhos de Hércules (herói da mitologia grega), a *Odisseia*, de Homero, as sagas da mitologia nórdica e ainda os mitos arturianos. Nesta obra, Sprague de Camp apresenta breves estudos de um bom número de autores que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento do género, entre eles Lord Dunsany, Clark Ashton Smith, J. R. R. Tolkien, C. L. Moore, Henry Kuttner, etc.

OUTRAS FONTES

Entre os autores clássicos cujos trabalhos também inspiraram as histórias de *sword and sorcery*, podem ainda apontar-se nomes ilustres como os de Sir Walter Scott (que foi buscar temas do folclore escocês para narrar as aventuras de heróis fictícios como Ivanhoe, Rob Roy e outros, embora os seus romances não incluíssem os elementos sobrenaturais que ajudariam a caracterizar o género), H. Rider Haggard (autor do célebre romance *She*, publicado em 1886/87) e Edgar Rice Burroughs (o imortal criador de Tarzan), ambos amantes da utilização de mundos distantes, reais ou imaginários, onde as suas personagens evoluem, bem como ainda — embora mais remotamente — os autores dos famosos romances de capa-e-espada, entre eles Alexandre Dumas, pai (autor, por exemplo, de *Os Três Mosqueteiros*, em 1844) ou Rafael Sabatini (autor de *Scaramouche*, em 1921).

A mistura dos romances de aventuras com o mundo da magia, dos feiticeiros, por sua vez, revela a influência de autores como Lord Dunsany, Abraham Merritt e o eco de histórias mais antigas como as que são colecionadas em *As Mil e Uma Noites*, de origem árabe, e onde não faltam monstros, génios e maléficis bruxos. Como é natural, muitas outras fontes de inspiração se poderiam indicar para diversos aspectos específicos comuns a diversas histórias de *sword and sorcery*.

A popularidade do género, especialmente através das revistas vulgarmente designadas por *pulps* (ou *pulp magazines*) foi tal que, entre as décadas de 1960 e 1980, esteve em actividade a *Swordsmen and Sorcerers' Guild of America*, resultante do envolvimento de Lin Carter e à qual se deve a publicação de diversas antologias importantes.

De notar que, a respeito de Conan e do género *sword and sorcery* em geral,

escreveu Moorcock que, apesar das influências, acima referidas, de escritos mais antigos, com raízes folclóricas até, na criação da personagem, esta constitui «uma criação eminentemente americana», a par de Tarzan, do Capitão Ahab (protagonista do famoso romance *Moby Dick*, da autoria de Herman Melville) ou Superman, sendo um «produto da sua cultura e do seu ambiente»; Conan constituiria assim um desenvolvimento natural de uma certa literatura escapista, surgida em reacção à Grande Depressão nos Estados Unidos da América, que englobava melodramas históricos ou *westerns*, até chegar ao mundo, de raízes góticas, da personagem mais carismática de Robert Howard.

QUEM ERA CONAN, O BÁRBARO

Num determinado momento, Robert Howard descreveu o seu herói mais ou menos nos seguintes termos: «De lá veio Conan, o cimério, de cabelos negros e olhos sombrios, empunhando a espada, um ladrão, salteador, assassino, com gigantesca melancolia e gigantesco júbilo, para pisar os tronos adornados de jóias da Terra sob os seus pés calçados de sandálias.»

Descrevendo frequentemente o bárbaro de olhos azuis faiscantes como sendo extremamente forte e de elevada estatura — embora o seu corpo musculoso e bronzeado não lhe proíba uma grande agilidade —, alguns comentadores detectam em Conan elementos autobiográficos do seu criador.

Os fictícios cimérios eram, segundo o autor, descendentes do povo da antiga Atlântida — de onde, de resto, era natural outra das personagens de Howard, o Rei Kull, precursor de Conan. A Ciméria surgiu pela primeira vez, enquanto local inventado pelo autor, num poema com o mesmo título, sendo muita da descrição da mítica região retirada da *Odisséia* de Homero. Segundo Howard, num texto de história hipotética intitulado *The Hyborian Age*, os cimérios teriam deixado a Atlântida em virtude dos cataclismos que afundaram a ilha, estabelecendo-se nas regiões da Irlanda e da Escócia, para depois se deslocarem até à zona do Cáucaso, próximo do Mar Negro, onde, de facto, viveu um povo autêntico com a mesma designação. Como é natural, esta ligação entre o real e o imaginário ajuda a consolidar a plausibilidade das histórias.

Robert Howard tinha muito apreço pela História e pelos romances históricos, mas, ao colocar as suas histórias numa época e num cenário imaginários,



evitava as dificuldades que resultariam de necessidade de uma muito maior precisão, caso as personagens se movimentassem num local e num período concretos. Numa carta dirigida a Lovecraft, o autor escreveu: «Para mim, não há trabalho literário tão entusiasmante como reescrever a História sob a forma de ficção.» A Era Hiboriana — cuja designação é claramente tirada da antiga terra lendária nórdica da mitologia grega, a Hiperbórea —, posterior ao cataclismo da Atlântida e anterior aos tempos históricos registados pela Humanidade, tem sido imaginada por diversos autores e estudiosos como situando-se a uma distância de nós que tem variado entre os dez mil e os mais de trinta e dois mil anos.

Conan, nascido no campo de batalha, era filho de um ferreiro e, aos quinze anos, era já um notado e respeitado guerreiro. As suas viagens pelo Mundo levaram-no a cruzar-se com monstros, maléficos feiticeiros, meretrizes e belas princesas, convertendo-se, aos poucos, num salteador, fora-da-lei, mercenário e pirata. Anos mais tarde, haveria de usurpar o trono de Aquilónia, o reino mais poderoso da Era Hiboriana, tornando-se desse modo no rei Conan.

Embora as suas aventuras sejam geralmente motivadas por objectivos de obtenção de lucros pessoais, Conan mantém um código de conduta cavalheiresco, que lhe permite salvar jovens mulheres em perigo, ao mesmo tempo que demonstra grande relutância em enfrentar oponentes do sexo feminino, ainda que estas o ataquem.

Deve observar-se que, apesar da ênfase colocada nos aspectos físicos, Conan mostra também, em diversas histórias, que possui qualidades tácticas e estratégicas, desenvoltura em diversas línguas e capacidade de decifrar códigos secretos, para além de reconhecidas qualidades de liderança. Apesar de tudo, longe de ser imbatível, o herói bárbaro é por vezes derrotado, aprisionado e torturado, chegando a enfrentar a morte.

CONAN, UM ÍCONE DOS NOSSOS DIAS

Conforme ficou dito anteriormente, para além da sua aparição em histórias de banda desenhada, a personagem foi levada ao cinema, o que, a partir do final do século passado, terá contribuído bastante para a manutenção da sua popularidade e divulgação das suas aventuras no seio de novas gerações.

O primeiro filme que utilizou a personagem de Robert Howard foi *Conan*



the Barbarian (entre nós, *Conan e os Bárbaros*), realizado em 1982 por John Milius. Para representar o papel do herói cimério foi escolhido o actor austríaco-americano Arnold Schwarzenegger, que teve nesse filme o seu primeiro papel de relevo, projectando-o para a sua bem conhecida carreira de êxitos.

Schwarzenegger haveria de retomar o papel dois anos mais tarde, em *Conan the Destroyer* (*Conan, o Destruidor*), filme realizado por Richard Fleischer, cujo enredo se afasta, mais do que no caso do primeiro filme, dos textos de Howard.

Seria preciso esperar até 2011 para ver surgir um novo filme com a mesma personagem (um terceiro filme com Schwarzenegger no papel de Conan não passou de um projecto atribulado, acabando por ser convertido em 1997 na obra *Kull the Conqueror*, sob realização de John Nicolella). A nova versão de *Conan the Barbarian* foi realizada por Marcus Nispel, sendo o papel principal confiado a Jason Momoa, mas, como muitas vezes sucede a novas versões de filmes clássicos, esta obra teve fraco acolhimento.

CONCLUSÃO

Nas páginas seguintes, os leitores ainda não familiarizados com as aventuras de Conan, *o Bárbaro*, o rei Conan, poderão entrar no seu fascinante universo, deixando-se levar pela prosa bem construída e muitas vezes entusiasmante do autor. É um universo de barbárie, de permanentes combates, de flagrante expressão física, mas também um universo de valores e de certa pureza, que certamente não deixará de agradar a quantos nele se deixem envolver.



~ A ~
**FÉNIX NA
ESPADA**



~ TÍTULO ORIGINAL ~
**THE PHOENIX
ON THE SWORD**
1932

~ TRADUTOR ~
GUILHERME PIRES



I

«Sabei, ó príncipe, que entre os anos em que os oceanos engoliram a Atlântida e as cidades cintilantes, e os anos da ascensão dos Filhos de Aryas, houve uma Era nunca dantes sonhada, na qual reinos opulentos se estendiam pelo mundo como mantos azuis sob as estrelas — Nemédia, Ofir, Britúnia, Hiperbórea, Zamora, com as suas mulheres de cabelos escuros e torres misteriosas assombradas por aranhas, Zíngara, com a sua nobreza, Cótia, que fazia fronteira com as terras pastoris de Shem, Estígia, com os seus túmulos guardados por sombras, Hircânia, cujos cavaleiros usavam aço, seda e ouro. Mas o mais orgulhoso reino do mundo era a Aquilónia, reinando suprema no Oeste sonhador. Surgiu então Conan, o cimério, de cabeleira negra, olhar taciturno e espada em punho, um ladrão, um salteador, um assassino, com gigantescas melancolias e gigantes alegrias, para esmagar os ricos tronos da Terra sob os seus pés.»

— AS CRÓNICAS NEMÉDIAS

Sobre pináculos sombrios e torres reluzentes abatia-se a escuridão fantasmagórica e o silêncio que precedem a alvorada. Numa viela escura, uma de um verdadeiro labirinto de misteriosos caminhos sinuosos, quatro figuras encapotadas saíram à pressa de uma porta aberta furtivamente por uma mão morena. Elas não falaram, mas avançaram rapidamente para o exterior com as capas bem enroladas em torno de si e, tão silenciosas como as almas de homens mortos, desapareceram na escuridão. Atrás delas um semblante cínico destacava-se na porta entreaberta e um par de olhos perversos brilharam malevolamente.

— Fugam para a noite, criaturas noturnas — troçou uma voz. — Seus tolos, o vosso destino persegue-vos como um cão raivoso e vocês nem sequer notam.

O homem fechou a porta, trancou-a e depois, virando-se, seguiu pelo corredor acima de vela na mão. Era um gigante sombrio, cuja pele morena revelava a sua ascendência estígia. Ele chegou a uma das salas interiores onde um homem alto e esguio, vestido de veludo coçado, descansava como um

grande gato preguiçoso num sofá acetinado, bebendo vinho de uma enorme taça dourada.

— Bem, Ascalante — disse o estígio pousando a vela. — Os teus associados escapuliram-se para as ruas como ratos saídos dos seus buracos. Trabalhas com estranhos instrumentos.

— Instrumentos? — respondeu Ascalante. — Ora, é isso mesmo que eles me consideram a mim. Há meses, desde que este quarteto de rebeldes me convocou dos desertos do Sul, que eu tenho vivido no seio dos meus inimigos, escondido durante o dia nesta casa obscura, de noite percorrendo vielas escuras e negros corredores. Eu tornei possível aquilo que estes fidalgos rebeldes não conseguiram. Trabalhando através deles e por outros agentes, muitos dos quais nunca viram a minha cara, eu semeiei neste império descontentamento e insurreição. Eu, trabalhando nas sombras da noite, organizei a queda do rei que se senta no trono durante o dia. Por Mitra, eu era um estadista antes de ser um bandido.

— E estes associados que se acham os teus mestres?

— Eles vão continuar a pensar que os sirvo, até que a nossa tarefa atual esteja concluída. Quem são eles para rivalizar com a astúcia de Ascalante? Volmana, o conde anão de Karaban, Gromel, o enorme comandante da Legião Negra, Dion, o barão gordo de Attalus, Rinaldo, o trovador desmiolado. Eu sou aquele que forjou a força desta aliança e, quando a altura chegar, irei esmagá-los pelas fraquezas de cada um. Mas isso será depois. Esta noite o rei morre.

— Há dias vi os esquadrões imperiais de partida da cidade — disse o estígio.

— Eles vão para a fronteira que os selvagens pictos ameaçam, graças aos fortes licores alcoólicos que os meus contrabandistas lhes fornecem para os enraivecer. Foi a grande fortuna de Dion que permitiu isso. E Volmana possibilitou o afastamento do resto das tropas imperiais que ainda permaneciam na cidade. Através de familiares seus na corte da Nemédia foi fácil convencer o rei Numa a requerer a presença do conde Trocero de Poitain, senescal da Aquilónia. E obviamente, para o honrar, ele irá acompanhado por uma escolta imperial, bem como pelas suas tropas e por Prospero, braço direito do rei Conan. Isto deixa na cidade apenas a Legião Negra e o corpo de guarda-costas reais. Através de Gromel corrompi um oficial endividado desta guarda real, e paguei-lhe para afastar os seus homens que estão de serviço à porta do rei à meia-noite.

— Então, junto com dezasseis salteadores meus, entraremos no palácio por um túnel secreto. Depois de estar feito, mesmo que o povo não nos apoie, a Legião Negra de Gromel será suficiente para controlar a cidade e o trono.

— E Dion pensa que a coroa lhe será entregue?

— Sim. Esse gordo idiota reclama o trono por ter sangue real. Conan



comete um grande erro ao deixar viver homens que se gabam de descender da antiga dinastia, à qual ele arrancou a coroa da Aquilónia.

— Volmana deseja recuperar os favores reais que tinha no antigo regime, para poder devolver a antiga grandeza às suas propriedades arruinadas. Gromel odeia Pallantides, comandante dos Dragões Negros, e quer o comando de todo o exército só para si, com toda a teimosia que só um bossoniano consegue ter. De nós todos apenas Rinaldo não tem ambições pessoais. Ele vê em Conan um bárbaro bruto e rude, que desceu do Norte para pilhar as terras civilizadas. Ele idealiza o rei que Conan matou para conseguir a coroa, lembrando-se apenas que apoiava ocasionalmente as artes e esquecendo-se das atrocidades do seu reinado, e vai fazendo com que o povo também se esqueça. Eles já cantam abertamente *O Lamento pelo Rei*, onde Rinaldo enaltece o vilão santificado e retrata Conan como um «selvagem de coração negro vindo dos abismos». Conan acha graça e ri-se, mas o povo começa a acreditar.

— Por que razão detesta ele Conan?

— Os poetas detestam sempre quem está no poder. Para eles, a perfeição está sempre já ali à frente, ao virar da próxima esquina, ou depois da outra a seguir. Eles fogem do presente com sonhos do passado ou do futuro. Rinaldo arde com as chamas violentas do idealismo; ele acha-se um rebelde que vai derrubar um tirano e libertar o povo. Quanto a mim, há alguns meses tinha perdido todas as ambições exceto saquear caravanas para o resto da minha vida, mas agora os velhos sonhos voltaram. Conan morrerá. Dion subirá ao trono e também ele irá morrer. Um por um todos os que se opõem a mim irão morrer, pelo aço ou pelo fogo, ou por aqueles venenos mortais que tu tão bem sabes preparar. Ascalante, rei da Aquilónia. Que tal achas?

O estígio encolheu os seus ombros largos.

— Houve um tempo — disse ele com amargura — em que também eu tive ambições tamanhas que ao pé delas as tuas parecem tacanhas e infantis. Quão fundo descí eu! Os meus pares e rivais de outros tempos ficariam pasmados se vissem Thoth-amon, o do Anel, servir de escravo a um estrangeiro, ainda por cima um bandido, ajudando nas ambições mesquinhas de barões e reis!

— Tu dependes dos teus truques e da magia — respondeu Ascalante. — Eu confio na minha astúcia e na minha espada.

— Astúcia e espadas nada são se comparadas com as Artes Negras — rousnou o estígio com olhos ameaçadores cheios de luzes e sombras. — Não tivesse eu perdido o Anel e as nossas posições estariam invertidas.

— No entanto — respondeu o bandido impacientemente —, usas nas costas as marcas do meu chicote, e o mais certo é que continues a usá-las.

— Não estejas tão seguro disso! — O ódio profundo do estígio brilhou-lhe nos olhos por instantes. — Um dia, de alguma forma, encontrarei novamente o Anel. E, quando isso acontecer, pelas presas de Set, irás pagar...

O aquilónio levantou-se e esbofeteou-o violentamente. Thoth recuou, a sangrar dos lábios.

— Tu ousas demais, cão — rugiu o bandido. — Toma cuidado. Eu ainda sou o teu mestre, aquele que conhece o teu precioso segredo. Sobe aos telhados e grita que Ascalante está na cidade a conspirar contra o rei, se te atreves.

— Não me atrevo — murmurou o estígio, limpando o sangue da ferida.

— Não, não te atreves — troçou Ascalante cinicamente. — Pois, se eu morrer pelas tuas artes ou se me atraíçoares, um monge eremita no deserto do Sul saberá disso e quebrará o selo de um manuscrito que eu lhe deixei. E depois de o ler irá espalhar um certo rumor na Estígia, e um vento levantar-se-á do Sul à meia-noite. E depois onde é que te vais esconder, Thoth-amon?

O escravo estremeceu e o seu rosto moreno perdeu a cor.

— Chega! — Ascalante subiu o tom perentoriamente. — Tenho trabalho para ti. Não confio em Dion. Sugeri-lhe que se retirasse para a sua casa de campo e ficasse lá até o trabalho de hoje estar concluído. Aquele idiota gordo não iria conseguir esconder o seu nervosismo perante o rei. Vai atrás dele, se não o apanhares na estrada segue para a sua propriedade e mantém-no lá até que eu o mande chamar. Não o percas de vista. Ele está cheio de medo e pode fugir, talvez até entre em pânico e vá revelar o nosso plano a Conan, para tentar salvar a própria pele. Vai!

O escravo fez uma vénia, escondendo o ódio nos seus olhos, e fez aquilo que lhe foi ordenado. Ascalante voltou para o seu vinho. Sobre os pináculos da cidade despontava uma alvorada vermelha como sangue.

II

«Quando eu era um guerreiro, os tambores tocavam para mim,
O povo espalhava ouro para o meu cavalo pisar;
Mas agora que sou um grande rei, todos querem o meu fim
Com veneno na minha taça e punhais para me cravar.»

— A ESTRADA DOS REIS

A sala estava ricamente decorada com belas tapeçarias penduradas nos painéis polidos das paredes, espessos tapetes estendidos no chão de mármore e o teto alto trabalhado com padrões intrincados e arabescos



prateados. Sentado atrás de uma secretária de mármore, com acabamentos de ouro, estava um homem cujos largos ombros e pele bronzeada pareciam deslocados naqueles aposentos luxuriantes. Ele parecia muito mais à vontade ao sol e ao vento nas altas montanhas das terras exteriores. O seu mais ínfimo movimento denunciava uns músculos de aço em sintonia com um cérebro perspicaz e a coordenação de um guerreiro nato. Nenhuma das suas ações era previsível. Ele ou estava em repouso absoluto, imóvel como uma estátua de bronze, ou então estava em movimento, não com a brusquidão desajeitada de membros demasiado tensos, mas com a velocidade felina que iludia a vista de quem o tentava acompanhar.

As suas roupas eram de tecidos nobres, mas com um corte simples. Ele não usava anéis nem outros ornamentos e o seu cabelo negro, cortado a direito, estava seguro por uma mera faixa de fio de prata atada em redor da cabeça.

Pousando o estilete dourado com o qual estava a rabiscar laboriosamente no papiro encerado, descansou o queixo no punho e fixou com inveja os seus faiscantes olhos azuis na figura à sua frente. O que via era um homem ocupado com os seus afazeres, entretido a apertar os cordões da sua armadura dourada e assobiando distraidamente. Uma atitude muito pouco convencional considerando que se encontrava na presença de um rei.

— Prospero — disse o homem sentado à mesa —, estes assuntos de Estado cansam-me mais do que todas as guerras em que lutei.

— Faz tudo parte do jogo, Conan — respondeu o poitainiano de olhos escuros. — Tu és o rei, tens de fazer o teu papel.

— Gostava de poder cavalgar contigo até à Nemédia — exclamou Conan com inveja. — Há séculos que não tenho um cavalo entre as pernas, mas Publius diz que há assuntos que requerem a minha presença na cidade. Maldito seja!

» Quando derrubei a antiga dinastia — continuou Conan com o à-vontade que sentia para com o poitainiano —, foi fácil o suficiente, embora na altura parecesse amargamente difícil. Olhando para trás para o duro caminho que percorri desde então, todos aqueles dias árduos de intrigas, atribulações e carnificina me parecem um sonho.

» Não sonhei alto o suficiente, Prospero. Quando o rei Numedides jazia morto aos meus pés e eu lhe arranquei a coroa ensanguentada da cabeça e a coloquei na minha, tinha chegado ao limite dos meus sonhos. Eu estava preparado para chegar ao trono, mas não para lá ficar. Nos bons velhos tempos tudo o que eu queria era uma espada afiada e um inimigo à minha frente. Agora não há inimigos à vista e a minha espada não me serve de nada.

» Quando derrubei Numedides aclamaram-me como o Libertador, mas agora cospem na minha sombra. Ergueram uma estátua àquele porco no templo de Mitra, e o povo vai rezar perante ela como se fosse o símbolo de um santo monarca assassinado por um bárbaro selvagem. Quando liderei os exércitos da Aquilónia como um mercenário, celebravam as minhas vitórias e não importava que eu fosse um estrangeiro, mas agora não se esquecem nem me perdoam por não ser um deles.

» Agora vão ao templo de Mitra queimar incenso em memória de Numedides. Homens que foram estropiados e cegos pelos carrascos dele, homens cujos filhos morreram nas masmorras dele, cujas mulheres e filhas foram arrastadas para o harém dele. Idiotas de um raio!

— Rinaldo é o grande responsável disso — respondeu Prospero, apertando o cinto da espada mais um pouco. — Ele canta música que enlouquece os homens. Enforca-o na torre mais alta da cidade com as suas vestes coloridas. Ele que faça rimas para os abutres.

Conan abanou a sua juba leonina. — Não, Prospero, ele está para lá do meu alcance. Um grande poeta é maior do que qualquer rei. As suas canções são mais poderosas do que o meu cetro, pois ele quase me arrebatou o coração do peito quando escolheu cantar para mim. Eu morrerei e serei esquecido, mas as canções de Rinaldo irão perdurar para sempre.

» Não, Prospero — continuou o rei, com a dúvida a ensombrar-lhe os olhos —, há algo que nos escapa, uma corrente oculta abaixo da superfície que nos ilude. Sinto-o como quando era novo sentia o tigre escondido na erva alta. Há uma inquietação sem nome que perturba todo o reino. Eu sou como o caçador que se encolhe junto da sua pequena fogueira no meio da floresta, e ouve o som de passos furtivos na escuridão, e quase consegue ver o brilho de olhos cintilantes. Se ao menos eu conseguisse vislumbrar algo tangível, que possa derrubar com a minha espada! E digo-te mais, não deve ser coincidência o facto de os pictos ultimamente andarem a atacar a fronteira tão selvaticamente que os bossonianos pediram ajuda para os repelir. Eu devia ter ido com as tropas.

— Publius temia uma armadilha para te apanhar e matar para lá da fronteira — respondeu Prospero, alisando a túnica de seda por cima da armadura brilhante e admirando o seu reflexo alto e esguio no espelho de prata. — É por isso que ele insiste que fiques na cidade. Essa tua desconfiança vem dos teus instintos bárbaros. Deixa o povo rezar a quem quiser! Os mercenários são nossos, os Dragões Negros também, e todos os homens de Poitain são fiéis a ti. A tua única ameaça é ser assassinado, e isso é impossível com tropas



da guarda imperial a guardar-te dia e noite. O que é isso em que estás aí a trabalhar?

— Um mapa — respondeu Conan com orgulho. — Os mapas da corte mostram bem os países do Sul, Leste e Oeste, mas no Norte são vagos e pouco precisos. Estou a acrescentar eu próprio as terras do Norte. Aqui é a Ciméria, onde eu nasci. E...

— Asgard e Vanaheim — exclamou Prospero observando o mapa. — Por Mitra, eu achava que esses países só existiam em mitos e lendas!

Conan sorriu, levando involuntariamente a mão às cicatrizes da sua face bronzeada. — Se tivesses passado a juventude perto da fronteira norte da Ciméria, pensarias de forma diferente. Asgard fica a norte da Ciméria, Vanaheim a noroeste e as terras fronteiriças são assoladas por guerras intermináveis.

— Que género de homens são esses nortenhos? — perguntou Prospero.

— Altos, de olhos azuis e pele clara. O deus deles é Ymir, o gigante de gelo, e cada tribo tem o seu próprio rei. Eles são rebeldes e ferozes. Lutam o dia todo, bebem cerveja e cantam grandes canções a noite toda.

— Então acho que és como eles — riu Prospero. — Bebes imenso, dás grandes gargalhadas e ruges alegres canções. Nunca vi mais algum cimério que bebesse outra coisa sem ser água, que se risse ou sequer que cantasse algo mais que tristes lamentos.

— É da terra em que vivem — respondeu o rei. — Nunca existiu terra mais melancólica. É feita de colinas com bosques sombrios debaixo de céus sempre cinzentos, assolada por ventos cruéis que gemem pelos vales abaixo.

— Não admira que os homens por lá se tornem melancólicos — observou Prospero encolhendo os ombros, recordando-se das planícies banhadas pelo sol e dos rios tranquilos de Poitain, a província mais a sul da Aquilónia.

— Eles não têm esperança neste mundo nem no próximo — continuou Conan. — Os deuses deles são Crom e a sua sombria prole, que governam um lugar de névoas perpétuas onde o Sol nunca brilha, que é o mundo dos mortos. Por Mitra, os costumes dos Æsir eram mais do meu agrado.

— Bem — sorriu Prospero —, as colinas sombrias da Ciméria já são só um passado distante para ti. E agora tenho de ir. Bebo por ti uma taça de vinho branco da Nemédia, na corte do rei Numa.

— Fazes bem — rugiu o rei —, mas os beijos que deres às dançarinas de Numa têm de ser em teu nome apenas, senão ainda arranjam algum incidente diplomático!

E o riso tempestuoso de Conan acompanhou a saída de Prospero.

III

«Sob pirâmides cavernosas jaz o grande Set adormecido;
Por entre as sombras dos túmulos rasteja a sua sombria gente.
Eu invoco a Palavra dos abismos onde nunca o Sol foi conhecido,
Enviai-me um escravo para servir o meu ódio, ó Escamoso e Reluzente!»

O Sol estava a pôr-se, manchando o verde e azul da floresta com laivos dourados. Os raios minguantes de luz cintilavam na grossa corrente de ouro que Dion de Attalus torcia e retorcia continuamente nas mãos rechonchudas, sentado no meio da flamejante profusão de flores e árvores que era o seu jardim. O seu corpo obeso mexia-se irrequieto no banco de mármore e ele olhava furtivamente em volta, como se procurasse algum inimigo oculto. Estava sentado num pequeno bosque circular composto por árvores esguias cujos ramos entrelaçados projetavam sobre ele uma densa sombra. Perto dali uma fonte tilintava como prata e outras fontes, ocultas no grande jardim, susurravam uma interminável sinfonia.

Dion estaria sozinho se não fosse a grande figura morena que se recostava num banco de mármore ali perto, de olhos fundos e sombrios postos no barão. Dion não ligava muito a Thoth-amon. Ele tinha ideia de que era um escravo em quem Ascalante depositava muita confiança, mas tal como a maior parte dos homens ricos, Dion pouca atenção prestava aos que tinham um estatuto inferior ao seu.

— Não é necessário estar tão nervoso — disse Thoth. — O plano não pode falhar.

— Ascalante pode errar tal como qualquer um — vociferou Dion, cuja mera menção de fracasso lhe provocava suores frios.

— Ele não — sorriu o estígio —, caso contrário eu não seria o seu escravo, mas sim o seu mestre.

— Que conversa é essa? — retorquiu Dion irritadamente, sem prestar muita atenção a este diálogo.

Thoth-amon semicerrou os olhos. Apesar de todo o seu autocontrolo férreo, estava quase a explodir de vergonha, raiva e ódio reprimidos, pronto a aproveitar qualquer tipo de oportunidade por mais desesperada que fosse. Aquilo que ele não percebeu foi que Dion não via nele um ser humano com uma vontade e um intelecto, mas sim um escravo e, portanto, uma criatura sem a mínima importância.

— Ouve-me — disse Thoth. — Tu serás rei, mas não sabes aquilo que



Ascalante planeia. Tens de deixar de confiar nele assim que Conan morrer. Eu posso ajudar-te. Se depois de subires ao trono me protegeres, eu ajudar-te-ei.

» Eu era um grande feiticeiro no Sul. Os homens falavam de Thoth-amon tal como falavam de Rammon. O rei Ctesphon da Estígia concedeu-me uma grande honra, expulsando os magos dos cargos mais importantes para me enaltecê-lo acima de todos eles. Odiavam-me, mas temiam-me, pois eu controlava seres do exterior que respondiam ao meu chamado e cumpriam as minhas ordens. Por Set, nenhum dos meus inimigos podia prever o momento em que iria acordar a meio da noite com as garras de um horror inominável a rasgar-lhe a garganta! Eu teci negros e terríveis feitiços com o Anel da Serpente de Set, que encontrei num túmulo escuro bem escondido debaixo da terra, esquecido antes mesmo de o primeiro homem se arrastar do mar primordial.

» Mas um ladrão roubou o Anel e o meu poder foi quebrado. Os magos juntaram-se para me matar e eu tive de fugir. Disfarçado de condutor de camelos, viajava numa caravana em terras da Cótia quando os salteadores de Ascalante nos atacaram. Todos na caravana foram chacinados exceto eu. Salvei a vida revelando a minha identidade a Ascalante e jurando servi-lo. Muito amarga tem sido essa escravidão!

» Para me obrigar a cumprir o juramento, ele escreveu sobre mim num manuscrito e entregou-o selado a um eremita que vive na fronteira sul da Cótia. Não me atrevo a cravar-lhe um punhal enquanto dorme, ou a denunciá-lo aos seus inimigos, pois se isso acontecer o eremita tem instruções para abrir o manuscrito e ler. E depois irá espalhar um certo rumor na Estígia...

Novamente Thoth estremeceu e a sua pele morena perdeu a cor.

— Eu não era conhecido aqui na Aquilónia — disse ele. — Mas se os meus inimigos na Estígia descobrissem o meu paradeiro, nem meio mundo de distância entre nós seria suficiente para me salvar de um destino que estilhaçaria a alma de uma estátua de bronze. Só um rei com castelos e um vasto exército me poderia proteger. Agora que te contei o meu segredo, imploro-te que faças comigo um pacto. Posso ajudar-te com a minha sabedoria em troca da tua proteção. E um dia eu vou encontrar o Anel...

— Anel? Anel? — Thoth subestimou o extremo egocentrismo daquele homem. Dion nem sequer tinha estado a ouvir as palavras do escravo, de tão embrenhado que estava nos seus próprios pensamentos. Mas aquela palavra final tinha permeado os seus devaneios egocêntricos.

— Anel? — repetiu ele. — Isso lembra-me... o meu anel da sorte. Comprei-o a um ladrão shemita que jurou que o tinha roubado a um feiticeiro das terras

distantes do Sul, e que me ia trazer sorte. Sabe Mitra o quanto paguei por ele. Pelos deuses, preciso de toda a sorte que conseguir, com Volmana e Ascalante a arrastarem-me para os seus esquemas sangrentos. Vou ver do anel.

Thoth levantou-se com a face vermelha de raiva e os olhos em chamas, com a fúria de quem acaba de descobrir a verdadeira dimensão da estupidez suína do tolo que tinha à sua frente. Dion nem sequer lhe prestou atenção. Abrindo um compartimento secreto no banco de mármore, vasculhou por instantes entre um monte de bugigangas de vários tipos, talismãs bárbaros, pedaços de osso e bijuterias espalhafatosas, amuletos da sorte e esconjuros, cuja natureza supersticiosa daquele homem o tinha compelido a colecionar.

— Ah, cá está ele! — exclamou Dion levantando triunfante um anel de aspeto curioso. Era feito de um metal semelhante ao cobre e tinha a forma de uma serpente coberta de escamas, enrolada três vezes sobre si própria, com a boca a morder a cauda. Os seus olhos eram gemas amarelas que cintilavam malevolamente. Thoth-amon gritou, como se tivesse sido golpeado, e Dion voltou-se ficando pasmado com o que viu. Os olhos do escravo ardiam de fúria, a sua boca estava escancarada e tinha as grandes mãos morenas estendidas como garras.

— O Anel! Por Set! O Anel! — gritou ele exasperado. — O meu Anel, aquele que me foi roubado... — Aço brilhou na mão do estígio e, com um movimento dos seus largos ombros morenos, enterrou o punhal no corpo obeso do barão. O grito agudo de Dion terminou num gorgolejo estrangulado e todo o seu corpo desabou como manteiga deixada ao sol. Um tolo até ao fim, ele morreu aterrorizado sem sequer saber porquê. Desviando para o lado o corpo estendido, sem lhe dar qualquer importância, Thoth tomou o anel em ambas as mãos, com uma ansiedade temerosa a resplandecer nos seus olhos escuros.

— O meu Anel! — sussurrou ele num tremendo regozijo. — O meu poder!

O estígio nem se apercebeu quanto tempo esteve agachado de volta daquele objeto sinistro, sorvendo com a sua alma sombria a aura maligna do anel. Quando finalmente conseguiu despertar daquele devaneio e a sua mente regressou dos abismos negros onde tinha estado a deambular, já a Lua se erguia no céu projetando longas sombras nas costas de mármore polido do banco de jardim, ao pé do qual se estendia uma sombra ainda mais escura que tinha sido em tempos o senhor de Attalus.

— Nunca mais, Ascalante, nunca mais! — sussurrou o estígio com os olhos a cintilar de vermelho como os de um vampiro na escuridão. Inclinando-se apanhou uma mão cheia de sangue coagulado, da poça onde a sua vítima se



estendia, e esfregou-o nos olhos da serpente de cobre até que o seu brilho amarelado desapareceu debaixo de uma capa carmesim.

— Fecha os teus olhos, serpente mística — entoou ele num murmúrio arrepiante. — Fecha os teus olhos ao luar e abre-os para os abismos sombrios! O que vês, ó serpente de Set? Quem é que convocas dos abismos das Trevas? De quem é a sombra que recai sobre a Luz minguante? Convoca-o até mim, ó serpente de Set!

Acariciando as escamas da serpente com um gesto peculiar dos seus dedos, um gesto que levava sempre os dedos de volta ao ponto de partida, a sua voz baixou ainda mais de tom, enquanto ele sussurrava nomes tenebrosos e encantamentos macabros esquecidos por todos exceto nos confins sombrios da Estígia, onde formas monstruosas ainda se movem na escuridão dos túmulos.

Houve um deslocamento no ar à sua volta, um turbilhão semelhante ao que ocorre no oceano quando uma criatura ascende das profundezas. Um inominável vento gelado soprou sobre ele, como se entrasse por uma porta aberta. Thoth sentiu uma presença atrás de si, mas não olhou para lá. Manteve o seu olhar fixo no mármore iluminado pelo luar, onde pairava uma ténue sombra. À medida que ele continuava com os encantamentos murmurados, essa sombra cresceu em tamanho e nitidez, até que os seus contornos horripilantes se materializaram completamente. A sombra não era muito diferente da de um babuíno gigantesco, mas nunca tal ser tinha pisado esta terra, nem mesmo nos confins da Estígia. Nem assim Thoth o olhou diretamente, mas retirando do seu cinturão uma sandália do seu mestre, que trazia sempre consigo na ténue esperança de a poder usar contra ele, atirou-a para trás de si.

— Estuda-a bem, escravo do Anel! — exclamou ele. — Encontra aquele que a usou e destrói-o! Olha bem no fundo dos seus olhos e estilhaça-lhe a alma antes de lhe rasgares a garganta! Mata-o! — E num acesso de fúria cega acrescentou: — Mata todos os que estiverem com ele!

Através das sombras na parede iluminada pela Lua, Thoth viu o horror baixar a sua cabeça deformada e cheirar a sandália, como um hediondo cão de caça. Então, atirando a cabeça cinzenta para trás, a coisa moveu-se, desaparecendo como vento por entre as árvores. O estígio ergueu os braços em louca celebração, com os dentes e olhos a brilharem ao luar.

Um soldado de guarda aos muros gritou sobressaltado de terror quando uma grande sombra negra, com olhos flamejantes, saltou o muro e passou por ele como uma rajada de vento. Mas desapareceu tão depressa que o guerreiro, aturdido, ficou a pensar se teria sido um sonho ou uma alucinação.

IV

«Quando o mundo era jovem, os homens fracos
e os demónios da noite vagueavam sem restrição,
Eu confrontei Set com aço, com o vinho da árvore upas e com fogo;
Agora que eu descanso no coração negro do monte
e os séculos cobraram o seu quinhão,
Esqueceis-vos daquele que enfrentou a Serpente
com a alma humana em jogo?»

Sozinho no grande quarto de dormir, com a cúpula dourada no alto, o rei Conan dormia e sonhava. Através de névoas cinzentas rodopiantes, ele escutou um estranho e ténue apelo distante, e apesar de não o entender não parecia ter hipótese alguma de o ignorar. Avançou então, de espada na mão, por entre a névoa cinzenta como alguém que caminha por entre nuvens. À medida que avançava a voz foi-se tornando cada vez mais clara, até que ele percebeu aquilo que era dito. Era o seu próprio nome que estava a ser chamado através do Tempo e do Espaço.

Quando as névoas começaram a dissipar-se ele viu que estava num grande e escuro corredor que parecia ter sido aberto em rocha negra maciça. O corredor não estava iluminado, mas, como por artes mágicas, ele conseguia ver claramente. O chão, o teto e as paredes eram completamente polidos e emitiam um brilho baço. Viam-se por todo o lado figuras gravadas de antigos heróis e deuses já esquecidos. Conan estremeceu ao contemplar os vastos contornos sombrios dos Anciães Inomináveis e soube, de alguma forma, que nenhum mortal tinha percorrido aquele corredor há séculos.

Ele encontrou uma larga escadaria talhada na pedra maciça, cujos lados estavam decorados com símbolos esotéricos tão antigos e horripilantes que fizeram o rei Conan arrepiar-se. Cada degrau estava esculpido na forma repugnante de Set, a Velha Serpente, para que a cada passo dado ele pisasse a cabeça da Cobra, tal como era pretendido nos tempos antigos. Mas isso não tornava menos desconfortável ter de o fazer.

Mas a voz continuava a chamá-lo e, por fim, na escuridão que normalmente seria impenetrável para os seus olhos mortais, ele entrou numa estranha cripta e discerniu os vagos contornos de uma figura de barba branca sentada num túmulo. Conan sentiu um arrepio na espinha e agarrou a espada com mais força, mas a figura falou-lhe num tom sepulcral.

— Tu conheces-me, ó homem mortal?







ILUSTRADOR:

Jorge Coelho

Nascido em 1977, rapidamente decidiu que queria ser o Homem-Aranha, mas eventualmente, numa epifania de pragmatismo, optou por desenhá-lo. Em 2013 começou a trabalhar para a Boom! Studios e Marvel Comics, em títulos como *Polarity*, *Venom*, *Sleepy Hollow*, *The Haunted Mansion*, *Robocop*, entre outros.

Em 2017 desenhou finalmente o Homem-Aranha nas páginas de *Rocket Raccoon — Grounded*.

www.facebook.com/JCoelho77

Ou, apesar de desatualizado

almirantefujimori.blogspot.pt



— Eu não, por Crom! — jurou o rei.

— Homem — disse o ancião. — Eu sou Epemitreus.

— Mas Epemitreus, o Sábio, está morto há mil e quinhentos anos! — balbuciou Conan.

— Escuta-me! — ordenou a figura. — Tal como um seixo atirado para um lago negro provoca ondas que atingem até as margens mais distantes, os recentes acontecimentos no Mundo Sobrenatural vieram perturbar o meu descanso. Eu conheço-te bem, Conan da Ciméria. A marca de enormes feitos e grandiosos acontecimentos recai sobre ti. Mas há coisas à solta na terra contra as quais a tua espada não poderá ajudar-te.

— Tu falas por enigmas — disse Conan, pouco à vontade. — Mostra-me o meu inimigo e eu racho-lhe o crânio até aos dentes.

— Descarrega a tua fúria bárbara contra inimigos de carne e osso — respondeu o ancião. — Não é dos homens que eu te venho proteger. Há mundos sombrios, pouco conhecidos dos homens, onde vagueiam seres sem forma. Demónios que podem ser convocados desses Abismos Exteriores para se materializar e, às ordens de feiticeiros maléficos, destruir e devorar. Tens uma serpente dentro de casa, ó rei. Uma víbora no teu reino, vinda da Estígia, com a sabedoria negra das sombras a conspurcar-lhe a alma. Tal como um homem adormecido sonha com a serpente que rasteja ao seu lado, assim senti eu a presença deste acólito de Set. Ele está embriagado com um terrível poder, e os planos dele contra os seus inimigos podem muito bem destruir o reino. Convoquei-te aqui para te fornecer uma arma contra ele e os seus servos demoníacos.

— Mas porquê? — perguntou Conan, espantado. — Diz-se que descansas no coração negro de Golamira, de onde envias por vezes o teu fantasma para ajudar a Aquilónia em tempos de extrema necessidade, mas eu... eu sou um estrangeiro e um bárbaro.

— Paz! — A voz sepulcral ressoou por toda a grande e sombria caverna. — O teu futuro e o da Aquilónia são um só. Grandes acontecimentos estão a formar-se no Tear do Destino, e não será um feiticeiro louco a pôr em causa o futuro do império. Há muito tempo Set prendia o mundo como um pitão enrolado em volta da sua presa. Toda a minha vida, que durou tanto como a de três homens normais, lutei contra ele. Escorracei-o para as sombras do misterioso Sul, mas na Estígia profunda ainda há quem preste culto àquele que para nós é o demónio supremo. Da mesma forma que me opus a Set, também luto contra os seus seguidores, sacerdotes e acólitos. Estende a tua espada.

Abismado, Conan assim o fez e na grande lâmina, junto à pesada guarda de prata, o ancião desenhou com o seu dedo ossudo um estranho símbolo que

brilhou como fogo branco na escuridão. E nesse instante a cripta, o túmulo e o ancião desapareceram, e Conan levantou-se sobressaltado da cama no grande quarto com a abóbada dourada. De pé, espantado com a estranheza daquele sonho, apercebeu-se de que tinha na mão a sua espada, e sentiu um arrepio na nuca, pois na lâmina da espada estava gravado um símbolo com a forma de uma fénix. Ele lembrava-se de ter visto uma figura de pedra semelhante em cima do túmulo na cripta, e interrogou-se se teria sido algo mais do que uma estátua de pedra, arrepiando-se de novo perante a estranheza de tudo aquilo.

Nessa altura um som abafado, vindo do corredor, despertou-o daqueles pensamentos e, sem sequer parar para ver do que se tratava, começou a vestir a sua armadura. Os instintos bárbaros tomaram uma vez mais conta dele, tornando-o tão alerta e desconfiado como um lobo cinzento acossado.

V

«O que sei eu dos modos civilizados, da lisonja,
da mentira e da arte do esperto?
Eu, que nasci na terra nua e cresci a céu aberto.
As falinhas mansas e a astúcia sofista,
todas falham quando as espadas são lei;
Avancem e morram, cães — eu era um
homem antes de ser um rei.»

— A ESTRADA DOS REIS

Através do silêncio que envolvia o corredor do palácio real esgueiravam-se vinte vultos. Os seus pés furtivos, descalços ou envolvidos em couro macio, não faziam qualquer ruído nos espessos tapetes nem no mármore nu do chão. As tochas penduradas em nichos das paredes faziam reluzir de vermelho os punhais, espadas e machados bem afiados.

— Mais devagar! — sussurrou Ascalante. — E parem com essa maldita respiração ofegante, quem quer que sejam! O oficial do turno da noite deu folga à maior parte das sentinelas desta zona e embebedou o resto, mas mesmo assim temos de ter cuidado. Para trás! Vêm aí os guardas!

Eles esconderam-se atrás de um aglomerado de colunas trabalhadas, e quase de imediato apareceram dez gigantes de armaduras negras em passo de marcha. As suas faces deixavam transparecer a desconfiança com que olhavam para o oficial que os estava a afastar dos seus postos. O oficial estava bastante pálido



e, quando passaram pelo esconderijo dos conspiradores, foi visto a limpar o suor da testa com uma mão trêmula. Era um jovem, e esta traição ao rei não era fácil para ele. Amaldiçoava silenciosamente as vãs extravagâncias que o tinham colocado em dívida para com os prestamistas e o tornaram um mero peão nas conspirações dos políticos.

Os guardas continuaram a marchar e desapareceram pelo corredor acima.

— Ótimo! — sorriu Ascalante. — Conan dorme desprotegido. Rápido! Se nos apanham a matá-lo estamos perdidos, mas poucos homens irão apoiar a causa de um rei morto.

— Sim, rápido! — gritou Rinaldo, cujos olhos azuis igualavam o brilho da espada que agitava no ar. — A minha lâmina tem sede! Já oiço os abutres a reunir! Em frente!

Eles apressaram-se descuidadamente pelo corredor abaixo e pararam em frente a uma porta de talha dourada na qual se via o dragão real, símbolo da Aquilónia.

— Gromel! — ordenou Ascalante. — Abre-me essa porta!

O gigante respirou fundo e atirou o seu poderoso corpo contra os painéis de madeira, que rangeram e se deformaram com o impacto. Ele baixou-se e investiu novamente contra a porta. Os ferrolhos saltaram, a madeira estilhaçou e a porta abriu-se de par em par.

— Para dentro! — rugiu Ascalante, contagiado pelo espírito do momento.

— Para dentro! — gritou Rinaldo. — Morte ao tirano!

Eles pararam abruptamente. Conan enfrentava-os não como um homem despido, confuso e desarmado, arrancado a um sono profundo para ser chacinado como um cordeiro, mas um bárbaro bem acordado e alerta, parcialmente couraçado e de espada em punho.

Por momentos tudo parou. Os quatro fidalgos rebeldes na porta estilhaçada e a multidão de rostos barbudos acotovelando-se atrás deles, todos momentaneamente paralisados pela visão de um gigante de olhos faiscantes e espada na mão, no meio do quarto, de pé à luz das velas. Nesse instante, Ascalante contemplou, numa pequena mesa próxima da cama real, um cetro de prata e o esguio círculo de ouro que era a coroa da Aquilónia, e essa visão enlouqueceu-o de desejo.

— Para dentro, patifes! — gritou o bandido. — Somos vinte contra um, e ele não tem elmo!

Realmente não tinha havido tempo para colocar o elmo emplumado, ou para atar as placas laterais da armadura, nem para apanhar o escudo da parede. Ainda assim Conan estava mais protegido do que os seus atacantes, exceto Volmana e Gromel, que traziam armadura completa.

O rei olhou para eles espantado, tentando descobrir quem eram. Não conhecia Ascalante, não conseguia ver para dentro dos elmos fechados dos que tinham armadura e Rinaldo puxara a aba do seu chapéu para a frente, ocultando os olhos. Mas não havia tempo para conjeturas. Com um grito que fez estremecer o teto, os assassinos invadiram o quarto, com Gromel na dianteira. Ele investiu como um touro furioso, com a cabeça baixa e a espada rasteira pronta para desferir um golpe eviscerador. Conan saltou ao seu encontro, concentrando toda a sua força leonina no braço que manjava a espada. A grande lâmina cortou o ar, assobiando ao descrever um arco até embater no elmo do bossôniano. Espada e elmo quebraram-se ao mesmo tempo e Gromel caiu sem vida no chão. Conan recuou, ainda a segurar o punho da espada partida.

— Gromel! — cuspiu ele, com estupefação estampada nos olhos quando o elmo rachado deixou entrever a cabeça partida que antes escondia. E então o resto da matilha caiu-lhe em cima. A ponta de uma adaga raspou-lhe as costelas na zona desprotegida entre a placa do peito e as costas da armadura, o gume de uma espada passou-lhe a rasar os olhos. Ele empurrou para longe o dono da adaga com o braço esquerdo e, com o punho partido da espada, atingiu o espadachim na têmpora. Pedacos de cérebro do seu adversário espirraram-lhe para a cara.

— Cinco de vocês vão guardar a porta! — gritou Ascalante, movendo-se na orla do turbilhão de aço, pois temia que Conan conseguisse abrir caminho à força pelo meio deles e escapar. Os atacantes recuaram momentaneamente, enquanto o seu líder escolhia alguns e os enviava na direção da única porta do quarto, e nessa breve trégua Conan saltou até à parede tirando de lá um velho machado de guerra que, incólume à passagem do tempo, ali estava pendurado há meio século.

De costas para a parede, ele contemplou por um breve instante o círculo cada vez mais apertado de atacantes e em seguida saltou para o meio deles. Nunca tinha sido um lutador defensivo, mesmo face a uma desvantagem esmagadora ele escolhia sempre o ataque. Qualquer outro homem já teria morrido aqui, e mesmo Conan não tinha esperanças de sobreviver, mas ele queria infligir o máximo de dano que fosse possível antes de cair. A sua alma bárbara estava em chamas, e os cânticos de heróis antigos ressoavam-lhe nos ouvidos.

Quando saltou da parede, o seu machado abateu um atacante decepando-lhe o ombro, e o terrível golpe de retorno esmagou o crânio a outro. As espadas voavam venenosamente em seu redor, mas a morte passava-lhe ao lado por margens assustadoramente minúsculas. O cimério movia-se num borrão de velocidade estonteante. Ele era como um tigre entre babuínos, saltando,



esquivando e rodopiando, um alvo sempre em movimento, enquanto o seu machado tecia um reluzente círculo de morte à sua volta.

Por breves momentos os assassinos rodearam-no atacando ferozmente, desferindo golpes às cegas e atrapalhando-se uns aos outros. Então recuaram repentinamente e dois corpos estendidos no chão mostravam a fúria do rei, mas o próprio Conan sangrava de feridas no braço, no pescoço e nas pernas.

— Cobardes! — gritou Rinaldo, com um brilho louco nos olhos, desfazendo-se do seu chapéu emplumado. — Fugis do combate? Irá o tirano viver? Para cima dele!

Ele investiu, golpeando como um louco, mas Conan, reconhecendo-o, estilhaçou-lhe a espada com um impressionante golpe do machado e deu-lhe um forte empurrão com a sua mão aberta que o fez cair e rebolar pelo chão. O rei levou com a ponta da arma de Ascalante no braço esquerdo, e o bandido salvou-se por um triz, baixando-se e recuando para fora do alcance do machado. Os lobos atacaram juntos novamente, e o machado de Conan voava e esmagava. Um fuinha cabeludo mergulhou por baixo da trajetória do machado em direção às pernas do rei, mas depois de tentar deslocar o que lhe parecia ser uma sólida torre de ferro, olhou para cima a tempo de ver o machado a descer, mas sem qualquer hipótese de o evitar. Entretanto um dos seus companheiros levantou uma espada larga com ambas as mãos e retalhou o ombro da armadura do rei, ferindo a carne por baixo. A armadura encheu-se de sangue em menos de nada.

Volmana, na sua feroz impaciência, avançou por entre os atacantes, atirando-os para um lado e para o outro até conseguir desferir um golpe mortífero à cabeça desprotegida de Conan. O rei baixou-se rapidamente e a espada ainda lhe cortou uma madeixa de cabelo negro ao assobiar por cima da sua cabeça. Conan rodou sobre o calcanhar e atacou lateralmente. O machado esmagou a armadura de aço e Volmana caiu com o flanco esquerdo todo metido para dentro.

— Volmana! — exclamou o rei sem fôlego. — Reconhecia este anão até no inferno..

Endireitou-se a tempo de ver a investida insana de Rinaldo, que carregava como um louco completamente desprotegido, armado apenas com um punhal. Conan saltou para trás erguendo o machado.

— Rinaldo! — A sua voz carregada de uma urgência desesperada. — Para trás! Não te quero matar..

— Morre, tirano! — gritou o trovador louco, atirando-se de cabeça para o rei. Conan adiou o golpe que estava relutante em desferir até ser tarde de mais.

Só quando sentiu o frio do aço no seu flanco desprotegido é que golpeou num frenesi de desespero cego.

Rinaldo caiu com a cabeça estilhaçada e Conan recuou para a parede com sangue a escorrer por entre os dedos fechados sobre a sua ferida.

— Ataquem agora e matem-no! — gritou Ascalante.

Conan virou as costas para a parede e ergueu o machado. Ele era a imagem do selvagem indomável. Pernas afastadas, cabeça projetada para a frente, uma das mãos apoiada na parede e a outra segurando o machado bem alto, os grandes músculos tensos sobressaindo como cordões de ferro, e estampado no rosto um esgar mortal de fúria coroado pelos olhos faiscantes que sobressaíam através da cortina de sangue que os ocultava. Os homens fraquejaram. Apesar de serem criminosos violentos e amorais, ainda assim pertenciam a uma raça a que os homens chamam civilizados, com um passado civilizado. E aqui estava o bárbaro, o assassino nato. Eles recuaram, o tigre moribundo ainda podia fazer vítimas.

Conan sentiu a hesitação deles e sorriu ferozmente.

— Quem é o primeiro a morrer? — perguntou ele por entre lábios rebeitados e manchados de sangue.

Ascalante saltou como um lobo, parou quase a meio do salto e deixou-se cair prostrado com uma incrível rapidez, evitando a morte que voava na sua direção. Encolheu a pernas e rebolou para fora, enquanto Conan recuperava do golpe falhado e tentava de novo. Desta vez o machado enterrou-se no chão polido perto das pernas fugidias de Ascalante.

Outro patife desesperado escolheu esta altura para investir, seguido a medo pelos seus companheiros. Ele esperava matar Conan antes de o cimério conseguir desprender o machado do chão, mas fez mal as contas. O machado vermelho ergueu-se e despenhou-se novamente, enviando uma caricatura escarlata do homem contra as pernas do resto dos atacantes.

Nesse instante ouviu-se um grito receoso dos homens que guardavam a porta, quando uma sombra negra disforme apareceu na parede. Todos exceto Ascalante se voltaram na direção do som e então, uivando como cães, correram cegamente porta fora como uma multidão blasfemante e enraivecida, dispersando-se aos gritos pelos corredores numa fuga desesperada.

Ascalante não olhou para a porta, só tinha olhos para o rei ferido. Ele calculava que o barulho da luta tinha finalmente despertado o palácio, e que os guardas leais tinham chegado, apesar de lhe parecer estranho que os seus criminosos empedernidos gritassem assim tão terrivelmente na sua fuga. Conan não olhou para a porta pois estava a vigiar o bandido com os olhos penetrantes de



um lobo moribundo. Nesta circunstância extrema, a cínica filosofia de vida de Ascalante não o abandonou.

— Tudo parece perdido, especialmente a honra — murmurou ele. — No entanto, o rei está mais morto do que vivo e... — Quaisquer outras cogitações que lhe tivessem passado pela cabeça não serão conhecidas pois, deixando a frase a meio, ele correu celeremente para Conan quando o cimério foi forçado a usar o braço do machado para limpar o sangue que lhe toldava a vista.

Mas quando iniciava a sua investida houve uma estranha deslocação no ar e algo pesado abateu-se terrivelmente sobre os seus ombros. Ele foi atirado de cabeça e grandes garras afundaram-se agonizantemente no seu corpo. Agitando-se desesperadamente debaixo do seu atacante, Ascalante voltou a cabeça para trás, olhando diretamente para aquela face de pesadelo e loucura. Por cima dele debruçava-se uma coisa grande e negra que ele sabia não ser fruto de nenhum mundo são ou humano. As selvagens garras negras estavam quase no seu pescoço e os reflexos daqueles olhos amarelos enregelavam-lhe os membros tal como o vento norte faz ao milho jovem.

O horripilante aspeto daquela face transcendia a mera bestialidade. Poderia ter sido a cara de uma antiga e maligna múmia revitalizada com energia demoníaca. Naqueles horrendos traços faciais, os olhos dilatados de Ascalante pareciam ver, como uma sombra na loucura que o envolvia, uma leve e terrível semelhança com o escravo Thoth-amon. Então a sua cínica e autossuficiente filosofia de vida abandonou-o e, com um grito medonho, deixou o mundo dos vivos antes mesmo de aquelas presas salivantes lhe tocarem.

Conan, limpando o sangue da vista, olhava estarecido. A princípio pensou que era um grande mastim negro o que estava sobre o corpo de Ascalante, mas depois de a sua visão clarear percebeu que não era nenhum cão ou babuíno.

Com um grito que era como o eco da morte de Ascalante, ele afastou-se da parede a cambalear para receber o horror que saltava para ele, com um golpe do seu machado projetando toda a força desesperada dos seus membros eletrizados. A arma ressaltou sonoramente do crânio que deveria ter esmagado, e o rei foi atirado para o outro lado do quarto pelo impacto daquele corpo enorme.

As mandíbulas salivantes fecharam-se em torno do braço que Conan ergueu para proteger o pescoço, mas o monstro não fez qualquer esforço para desferir um golpe mortal. Aquilo olhou para o rei por cima do braço aprisionado, um olhar diabólico no qual se começou a espelhar um horror semelhante ao que se refletia nos olhos sem vida de Ascalante. Conan sentiu a alma estremeecer e começar a ser puxada para fora do seu corpo, a afundar-se nos poços amarelos de horror cósmico cujo brilho espectral provinha do caos sem forma

que crescia à sua volta e sufocava toda a energia vital e sanidade. Aqueles olhos cresceram, tornando-se gigantescos e neles o cimério vislumbrou a existência de todos os blasfemos horrores abismais que se escondem nas trevas exteriores de abismos sem forma e vórtices sombrios. Ele abriu a boca para gritar todo o seu ódio e desespero, mas da sua garganta só saiu um gemido seco.

Mas o horror que paralisou e destruiu Ascalante despertou no cimério uma fúria frenética semelhante à loucura. Atirou-se para trás com uma torção violenta de todo o seu corpo, ignorando a agonia do seu braço dilacerado, arrastando o corpo do monstro consigo. E a sua mão esticada encontrou algo que o cérebro de guerreiro, apesar de atordoado, reconheceu como o punho quebrado da sua espada. Instintivamente agarrou-o e golpeou com toda a força dos seus músculos e ossos, como se estivesse a usar uma adaga. A lâmina partida penetrou profundamente e o braço de Conan ficou livre quando a boca horrenda se escancarou como se estivesse em sofrimento. O rei foi atirado violentamente para o lado, e erguendo-se sobre um dos braços viu, espantado, as terríveis convulsões do monstro e o sangue espesso que jorrava da grande ferida aberta pela lâmina partida. E enquanto ele olhava, a agitação cessou e aquilo ficou estendido, a estremecer com espasmos, olhando fixamente para o teto com os seus olhos cinzentos sem vida. Conan pestanejou e limpou o sangue dos seus próprios olhos, parecia-lhe que aquela coisa estava a derreter e a decompor-se numa instável massa viscosa.

Então chegou-lhe aos ouvidos uma cacofonia de vozes e o quarto foi invadido por uma multidão de membros da corte, finalmente despertos. Cavaleiros, pares do reino, damas, homens de armas, conselheiros, todos a tagarelar, gritar e a atrapalharem-se uns aos outros. Os Dragões Negros estavam por perto a praguejar, irritadiços e furiosos, com as mãos nos punhos das armas e pragas estrangeiras nos lábios. O jovem oficial de guarda à porta não foi visto, não foi encontrado nessa altura nem sequer mais tarde, apesar de muito ter sido procurado.

— Gromel! Volmana! Rinaldo! — exclamou Publius, o alto-conselheiro, passando as suas mãos sapudas pelos corpos. — Traição negra! Alguém irá pagar por isto! Chamem a guarda.

— A guarda já cá está, velho jarreta! — respondeu Pallantides, comandante dos Dragões Negros, esquecendo-se do posto de Publius no calor do momento. — O melhor é parar com essa gritaria toda e ajudar-nos a ligar as feridas do rei. Ele ainda pode morrer das hemorragias.

— Sim, sim! — gritou Publius, que era um homem de planos e não de ação. — Temos de ligar-lhe as feridas. Chamem todos os médicos da corte!



Oh, meu senhor, que vergonha negra para esta cidade! Estais completamente assassinado?

— Vinho! — pediu o rei do sofá onde o tinham deitado. Chegaram-lhe uma taça aos lábios feridos e ele bebeu como alguém que estivesse a morrer de sede.

— Ótimo — disse ele encostando-se para trás. — Matar é um trabalho que faz uma sede dos diabos.

Eles tinham conseguido estancar as hemorragias e a vitalidade inata do bárbaro estava a vir ao de cima.

— Tratem primeiro da ferida de punhal no meu flanco — pediu ele aos médicos da corte. — Rinaldo escreveu-me aí um soneto mortal, e muito afiada era a sua pena.

— Devíamos tê-lo enforcado há muito tempo — tagarelou Publius. — Nenhuma coisa boa pode vir de poetas... e quem é este?

Ele tocou hesitantemente no corpo de Ascalante com a sua sandália.

— Por Mitra! — exclamou o comandante. — É Ascalante, antigo conde de Thune! O que raios faz ele aqui em cima, tão longe dos desertos do seu exílio?

— Mas porque é que ele continua a olhar assim tão fixamente? — murmurou Publius, afastando os seus próprios olhos escancarados, com uma sensação peculiar a fazer-lhe eriçar os cabelos por detrás do seu pescoço obeso. Os outros calaram-se ao olhar para o corpo daquele bandido.

— Se tivesses visto o que eu e ele vimos — disse o rei sentando-se apesar dos protestos dos médicos —, nem ias querer perguntar. Vê com os teus próprios olhos aquilo que... — Ele calou-se abruptamente, de boca aberta e indicador a apontar sem alvo. No sítio onde o monstro tinha morrido só se via o chão.

— Por Crom! — praguejou o rei. — A coisa derreteu-se de volta para a escuridão que a gerou!

— O rei está delirante — sussurrou um fidalgo. Conan ouviu-o e soltou um sem-fim de impropérios bárbaros.

— Por Badb, Morrigan, Macha e Nemain! — concluiu ele iradamente. — Estou completamente são! Era como um cruzamento entre uma múmia estígia e um babuíno. Entrou pela porta e os salteadores de Ascalante fugiram perante ele. Matou Ascalante, que se preparava para me assassinar. Então atirou-se a mim e eu matei-o. Não faço ideia de como o consegui, pois o meu machado ressaltou da sua pele como se fosse feita de pedra. Mas acho que Epemitreus, o Sábio, teve algo a ver com isso...

— Oiçam como ele refere Epemitreus, morto há mil e quinhentos anos! — sussurraram eles uns com os outros.

— Por Ymir! — trovejou o rei. — Esta noite falei com Epemitreus! Ele convocou-me nos meus sonhos e eu percorri um corredor de rocha negra gravado com figuras de antigos deuses, que dava para uma escadaria de pedra cujos degraus estavam esculpidos na forma de Set, até que encontrei uma cripta e um túmulo com uma fénix em cima..

— Em nome de Mitra, meu rei, esteja calado! — Foi o alto-sacerdote de Mitra quem gritou e a sua face ficou pálida.

Conan levantou a cabeça como um leão a abanar a juba, e a sua voz grossa soou qual rugido de um leão zangado.

— Sou eu algum escravo para fechar a boca às tuas ordens..

— Não, não, meu senhor! — O alto-sacerdote tremia, mas não era com receio da ira real. — Eu não pretendia ofender-vos. — Ele baixou a cabeça para perto do rei e sussurrou para que apenas os ouvidos de Conan o escutassem.

— Meu senhor, este é um assunto para além da compreensão humana. Só o mais restrito círculo dos sacerdotes da minha ordem tem conhecimento do corredor de rocha negra, escavado por mãos desconhecidas, no coração do monte Golamira, ou do túmulo guardado pela fénix onde Epemitreus foi sepultado há mil e quinhentos anos. E desde essa altura que nenhum homem vivo lá entrou, pois os seus sacerdotes escolhidos, depois de deixarem o Sábio na cripta, bloquearam a entrada exterior do corredor para que ninguém a encontrasse, e hoje em dia nem mesmo os altos-sacerdotes sabem onde fica. Só por transmissão oral, passada pelos altos-sacerdotes aos escassos escolhidos, e guardada zelosamente, é que um círculo restrito de acólitos de Mitra tem conhecimento do local de descanso eterno de Epemitreus, no coração negro de Golamira. É um dos Mistérios da Fé em que o culto a Mitra se baseia.

— Não sei dizer com que magia Epemitreus me levou até ele — respondeu Conan. — Mas falei com ele, e ele colocou uma marca na minha espada. Não faço ideia porque é que a marca a tornou mortífera para demónios, ou que magia está por detrás da marca. Mas embora a lâmina se tenha quebrado no elmo de Gromel, ainda assim o fragmento que restou foi suficiente para matar o horror.

— Deixai-me ver a vossa espada — sussurrou o alto-sacerdote com a garganta subitamente seca.

Conan estendeu a arma quebrada e o alto-sacerdote gritou e caiu de joelhos.

— Mitra nos guarde contra os poderes das trevas! O rei falou realmente com Epemitreus esta noite! Ali na espada... é um símbolo secreto que ninguém a não ser ele poderia ter feito. A representação da fénix imortal que guarda para sempre o seu túmulo! Rápido, uma vela! Olhem de novo para o sítio em que o rei disse que o demónio morreu.



Ficava à sombra de um biombo partido. Desviaram o biombo para o lado e banharam o chão com a luz da vela. E um silêncio ensurdecedor envolveu todos quantos olhavam. Então alguns caíram de joelhos rogando por Mitra e outros fugiram do quarto aos gritos.

Ali no chão onde o monstro tinha morrido, ali se estendia, como uma sombra tangível, uma larga mancha escura que não se conseguia limpar. A coisa deixou a sua forma claramente gravada a sangue, e essa forma não pertencia a nenhuma criatura de um mundo normal e são. Grotesca e horrífica, jazia ali como uma sombra dos deuses simiescos que se encontram nos altares escondidos de templos sombrios nos confins mais negros da Estigia.